Uma utopia: ouvir a voz dos miseráveis deste mundo

1. A ACÚSTICA ENGANADORA DO IMPÉRIO

Ao ter voltado, já faz dois anos, para meu país de origem, para a Alemanha[1], ao ter mergulhado de novo no contexto do chamado "Primeiro Mundo", uma das mais prementes utopias se tornou para mim: a necessidade de que se ouça realmente a voz dos miseráveis deste mundo. Percebi, após a minha volta, como é difícil que *esta voz* se torne audível em meio aos "concertos graves" da harmonia enganadora, bem divulgada sobretudo nos países ricos. É claro que tal "harmonia enganadora" – também na América Latina – domina a acústica oficial.

Diante de tais experiências, escolhi, para este número dos Estudos Bíblicos, um texto do Antigo Testamento que fala bem sobre o fenômeno da acústica enganadora a serviço de um "status quo" altamente injusto.

Lemos, em 1Rs 19,1-14, o seguinte:

"(Elias) chegou a Bersabéia, que pertence a Judá, e deixou lá seu servo. Fez pelo deserto a caminhada de um dia e foi sentar-se debaixo de um zimbro (...). Deitou-se e dormiu debaixo do zimbro. Mas eis que um anjo o tocou e disse-lhe: 'Levanta-te e come.' Abriu os olhos e eis que, à sua cabeceira, havia um pão assado sobre pedras quentes e um jarro de água. Comeu e bebeu, e depois tornou a deitar-se. Mas o anjo de Javé veio pela segunda vez, tocou-o e disse: 'Levanta-te e come, pois do contrário o caminho te será longo demais.' Levantou-se, comeu e bebeu e, depois, sustentado por aquela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites até a montanha de Deus, o Horebe. Lá ele entrou numa gruta, onde passou a noite. E foi-lhe dirigida a palavra de Javé: '(...) Sai e fica na montanha diante de Javé!'

1. A partir de agosto de 1985 até julho de 1993 lecionei, como titular da cadeira de Antigo Testamento, na Escola Superior de Teologia da IECLB em São Leopoldo-RS.

E eis que Javé passou. Um grande e impetuoso furacão fendia as montanhas e quebrava os rochedos diante de Javé. Mas Javé não estava no furacão. E depois do furacão houve um terremoto. Mas Javé não estava no terremoto. E depois do terremoto, um fogo. Mas Javé não estava no fogo. E depois do fogo o 'qol demamah daqqah'. Quando Elias o ouviu, cobriu o rosto com o manto, saiu e pôs-se à entrada da gruta. Então veio-lhe uma voz que disse: 'Que fazes aqui, Elias?' Ele respondeu: 'Eu me consumo de ardente zelo por Javé dos Exércitos.'"

Esta história de Elias não é apenas uma história entre outras. É, sim, realmente uma história que vale a pena ouvir, pois o tema dela é o ouvir: é o ouvir da verdade. Apesar de ter sido escrita no século IX aC, esta história é uma história bastante moderna, pois tem algo a nos dizer, justamente sobre o assunto em questão: como ouvir a verdade e não trocá-la pelo banal, pelo "óbvio", pela mentira bem divulgada[2].

Ouvir, melhor: saber ouvir a verdade, é uma arte. Em meio às "fábricas de opinião", às redes nacionais, não é nada fácil ouvir a verdade nas "entrelinhas das mentiras". Do mesmo modo como existe uma regressão em querer ouvir mentiras, existe um "totalitarismo" na acústica comum, que anestesia os ouvidos contra a voz da verdade.

A história de Elias em 1Rs 19,1-14 nos ensina como é preciso ouvir e agüentar a voz da verdade, para poder trabalhar com a mesma. Assim, a história de Elias é para nós de suma importância. Precisamos ouvir atentamente a voz dos miseráveis deste mundo, da nossa realidade, ouvir a verdade camuflada pelas mentiras camufladas, uma verdade que, via de regra, não é dita e nem aparece nos grandes meios de comunicação.

Agora imaginem se Deus tivesse ouvido somente o óbvio: aquilo que se ouve nas rádios, aquilo que se vê nas televisões, aquilo que se lê no diário oficial do governo! Deus nunca teria ouvido o clamor de Seu povo (cf. Ex 3,7)!

2. COMO A ACÚSTICA TOTALITÁRIA FOI DESMASCARADA

O profeta Elias fugiu da rainha Jezabel. Quase morreu. Alguém o toca. Elias acorda e encontra pão assado e um jarro de água. Ele se levanta e, depois de uma romaria de quarenta dias, ele sobe ao santo monte de Horebe. Ali, onde todo o Israel ouviu pela primeira vez a voz de seu Deus, Elias passa a noite. Ele dorme numa gruta. Ao amanhecer do próximo dia, Javé o chama para fora. Mas no momento em que Elias quer sair da gruta, ele já enfrenta, na mesma, aqueles fenômenos naturais – furacão, terremoto e fogo[3] – que, segundo a tradição do Antigo Testamento, desde sempre, têm acompanhado os eventos salvíficos da história israelita[4].

2. Cf. T.W. ADORNO. Über den Fetischcharakter in der Musik, in: *Zeitschrift für Sozialforschung*, vol. 7. Paris, 1938, 321-356.

3. Cf. Ex 19,16s; Jz 5,4s; Jó 37,1s; Sl 18,8s; 68,8s; 97,2s; Hab 3,3s.

4. Cf. O.H. STECK. *Überlieferung und Zeitgeschichte in den Elia-Erzählungen* (WMANT 26). Neukirchen-Vluyn, 1968, 118.

Só que, desta vez, *tudo é diferente*. O que Elias enfrenta não é, de forma alguma, uma manifestação da salvação[5].

Como assim? Ao que parece, Elias ouve o conhecido "concerto grave" da salvação: furacão, terremoto, fogo. Mas tudo isto são apenas os esforços sinfônicos tradicionais dos cultos baalizados. É, por assim dizer, a "Rede Globo" da capital de Samaria que, aqui, grita suas manchetes: "Javé-Baal", "Baal-Javé"!

Sabemos hoje que, na época de Elias, abusou-se das antigas tradições libertadoras de Israel. Pouco a pouco, Javé foi adorado como personificação das forças naturais e, nisto, assemelhado à suprema divindade cananéia, a Baal[6]. Tornando-se confundível com Baal, Javé passou a ser a garantia da prosperidade econômica do Estado. Sendo assim, as antigas tradições libertadoras de Israel haviam sido transformadas nas melodias suaves do *status quo*.

Em nosso texto, porém, Elias ouve que Javé *não está mais* no furacão, nem no terremoto, nem no fogo. Deus não está mais nos fenômenos naturais que, desde sempre, haviam simbolizado sua presença na história. Isto o texto insiste em realçar:

"mas Javé não estava no furacão...,
mas Javé não estava no terremoto...,
mas Javé não estava no fogo..." (1Rs 19,11-12).

Com isto, Javé *distanciava-se* das tradições religiosas, manipuladas pelo templo da capital.

Elias acorda e constata justamente este fato: Deus não está onde, conforme a "santa tradição", segundo a rotina religiosa, deveria estar. O que se celebra em Samaria, durante os cultos oficiais no templo da capital, é uma "teofania sem Deus". Elias ouve toda esta versão oficial da salvação em seu verdadeiro ateísmo.

Mas, no final, tudo termina de repente, de um momento para o outro. E, no silêncio, Elias percebe o que se ouve "atrás e além" da acústica controlada pelo Estado. É aquilo que a Bíblia, em seu hebraico, expressa por: *"qol demamah daqqah"*.

3. EMERGE A VOZ DOS MISERÁVEIS DESTE MUNDO

"E depois do fogo", assim traduz a Bíblia "na Linguagem de Hoje", *"veio uma voz calma e suave"* – veio o "qol demamah daqqah". "Quando Elias ouviu esta voz, cobriu o rosto com a capa. Saiu e ficou na entrada da caverna."[7]

5. Neste ponto importante, valho-me da interpretação dada por T. VEERKAMP. *Die Vernichtung des Baal*. Stuttgart, 1983, 74s.

6. Cf. E. WÜRTHWEIN. *Die Bücher der Könige* (ATD 11, 2). Göttingen, 1984, 226s; F.E. DOBBERAHN. Histórias que, no fundo, são uma só – e parecem mentiras, in: N. KILPP e V. WESTHELLE. *Proclamar Libertação*, vol. XVI. São Leopoldo, 1990, 295s.

7. *A Bíblia na Linguagem de Hoje*. São Paulo, 1988, 455.

Iríamos falsificar o texto e adulterar o seu sentido, se aceitássemos as traduções costumeiras deste versículo[8]. O espetáculo mortal da "teologia sem Deus" pára, "rasga a fita". O que acontece é que Elias ouve *o que sobra* após o exorcismo da "acústica totalitária". Emerge do silêncio a voz da verdade sobre nosso mundo.

Imaginem agora que pudéssemos desligar, por um momento, todas as máquinas, todas as fábricas, o bramido selvagem da indústria, a língua-mãe das nossas cidades, as rádios, o júbilo de "guerras santas e justas", a voz dos "marechais do ar", a feliz distração das televisões: o que nós ouviríamos?

Conforme, os filósofos da Antigüidade, uma harmonia infinita! Os planetas, diziam eles, cruzando as trilhas da luz, os astros, voando pelo espaço, cantam todos, em sintonia com suas órbitas, seus cursos simétricos, *músicas*, melodias, glossolalias eternas, hinos de luz, liturgias de uma ordem perfeita[9].

Até alguns dos nossos salmos bíblicos falam deste jeito da infinita harmonia da música cósmica:

"Os céus cantam a glória de Deus,
e o firmamento a obra de suas mãos" (Sl 19,2).

"Os céus cantam a sua justiça,
e os povos todos vêem a sua glória" (Sl 97,6).

"Que tuas obras todas te cantem, Javé,
e Teus fiéis te bendigam..." (Sl 145,10).

Porém, o que Elias ouve "atrás e além da acústica" não é uma "voz calma e *suave*". O que Elias ouve leva-o a cobrir, num gesto de luto, seu rosto com seu manto.

A palavra hebraica "qol" nunca significa uma coisa como "sussurro", "murmúrio", "cicio" etc.; "qol" significa apenas "som", "voz" e "ruído"[10]. O verbo "damam" significa "agonizar", "chorar" e "emudecer"[11]. Assim, os mortos descem para o mundo inferior (Sl 31,18). Assim, os anciãos deploram a queda de Jerusalém (Lm 2,10). O adjetivo hebraico "daqqah", por sua vez, vem do verbo "daqaq", que significa "esmiuçar", "moer", "debulhar" e "reduzir a pó". É este um termo de juízo sobre os inimigos de Javé (cf. 2Sm 22,43; Sl 18,43; Mq 4,13). Nos sonhos do faraó

8. Cf. também *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, 1985, 541: "o murmúrio de uma brisa suave"; *A Bíblia Sagrada*, Antigo e Novo Testamento, traduzida em Português por J.F. Almeida, Brasília, 1969, 385: "um cicio tranqüilo e suave".

9. Cf. E. ZELLER. *Grundriss der Geschichte der griechischen Philosophie*. Leipzig, 1914, 48s. Famoso é o "sonho de Cipião" segundo M.T. Cícero, *República*, livro VI, 18 (5), 18s; K. ZIEGLER. *Cicero – Staatstheoretische Schriften*. Darmstadt, 1984, 192s.

10. *Dicionário Hebraico-Português*. São Leopoldo, 1988, 212b.

11. L. KÖHLER e W. BAUMGARTNER. *Hebräisches und Aramäisches Lexikon zum AT I*. Leiden, 1967, 217b.

em Gn 41,3s, o mesmo adjetivo descreve o crescimento doentio e raquítico das vacas (Gn 41,3s) e espigas (Gn 41,6s.23s) que simbolizam bem toda a miséria dos sete anos de fome e de subnutrição[12].

Uma "voz calma e suave?" *Duvido.* Uma tradução muito mais adequada seria: "um choro agonizante".

Com tudo isto se evidencia: o que Elias ouve é chocante. Atrás e além da acústica enganadora, a realidade grita em liturgias de dissonâncias, em cacofonias. Não existe aquele "concerto grave" da salvação, a infinita harmonia oficial que se ouve. O que parecia ser salvação, agora está despojado da salvação. É por isto que Elias, num gesto de luto, cobre seu rosto. Percebe, "além e atrás da acústica", uma outra voz cósmica.

Não existem palavras adequadas de tradução para aquilo que Elias ouve. O texto original é quase que intraduzível, se bem que descreva bem o que, através do "qol demamah daqqah", emerge do silêncio. Acho que é a voz dos miseráveis deste mundo que Deus, agora, nos deixa ouvir e com a qual ele se solidariza.

O que se torna audível para Elias são as dissonâncias de uma imensa fome e sede pela justiça do Reino (cf. Mt 5,6). Agora, ouve-se só isto – e *acontece a utopia*. Elias, após o exorcismo da harmonia enganadora, tem de agüentar todas as improvisações desarmônicas de protestos, as lamentações nos calvários de hoje, nas fábricas, favelas, nas cadeias, o "qol demamah daqqah" nos hospitais e nas ruas, a voz dos torturados, triturados, explorados, das crianças nascidas na tuberculose, "os gemidos da criação inteira", como diz o Apóstolo Paulo (Rm 8,22).

4. FAZER OUVIR A VOZ DO POVO SOFRIDO...

Aconteceu a utopia; ouviu-se somente a voz dos miseráveis. Agora: qual será a nossa reação? Como Elias reage?

Elias percebe no "qol demamah daqqah" a voz cósmica dos torturados, triturados, explorados. Elias começa a ouvir quem, "além e atrás da acústica" oficial, é o seu próximo. O que emerge neste "qol demamah daqqah" é a voz da "Sexta-Feira-Santa do mundo"[13]. Para nós, *é o próprio Cristo* que, na Cruz, falou com esta voz do "qol demamah daqqah". Cristo se solidarizou com esta voz, morreu, mas ressuscitou e, agora, conquista a nossa acústica.

Pensando bem: a história de Elias no Horebe culmina na pergunta de Deus: "o que tu fazes aqui?", cuja resposta fica em aberto. De fato, o nosso texto não diz: "Agora, tu tens de fazer isto ou aquilo!" Elias, por sua vez, responde e diz: "Eu me consumo de ardente zelo por Javé dos Exércitos!"

É verdade: nossa fé tende a dissolver-se em harmonias e harmonizações, como se nos faltasse a experiência do conflito. É preciso, porém, *desenvolver uma perspectiva do conflito*[14]. Digo até que nosso texto dá a maior ênfase à ausência da harmonia.

Nós, pastores, agentes de pastoral, obreiros/as de comunidades, ouvimos aqui algo muito sério sobre a mensagem da nossa proclamação. Não apenas o nosso agir, mas também a nossa mensagem cristã tem de se tornar solidária com esta voz. *Somente num gesto de luto*, ela renasce e consegue fazer ouvir o clamor do povo sofrido.

O que Elias ouve é uma mensagem marcada pelas cacofonias da realidade. Também a mensagem da nossa prédica tal como da nossa liturgia precisa ser marcada por estas cacofonias da nossa realidade. Creio que as acusações sociais dos profetas do AT, p. ex., *são* marcadas por tais cacofonias da vida real nas ruas e praças de Samaria e Jerusalém. Quem leu a Bíblia atentamente, já se deparou com este tipo de jargão subversivo *e muito explícito*.

Ao ter voltado para meu país de origem foi este o mais difícil desafio para mim: fazer ouvir a voz dos miseráveis deste mundo e continuar na perda da falsa ingenuidade, na perda da falsa firmeza teológica, na consciência da dissonância, em nosso mundo, na certeza de que Deus está ao lado dos miseráveis, na esperança, num novo ouvido, numa nova língua!

Friedrich Erich Dobberahn
Worringer Strasse 69,
42119 Wuppertal,
Alemanha

12. L. KÖHLER e W. BAUMGARTNER, *ibidem*, 220ab.

13. Cf. J. MOLTMANN. *Theologie der Hoffnung*. München, 1966, 152s.

14. M. SCHWANTES. Caminhos da Teologia Bíblica, in: *Estudos Bíblicos* 24. Petrópolis, 1989, 17s.